

O TRÁGICO NA ILÍADA: O CONFRONTO ENTRE AQUILES E HEITOR

Danielle dos Santos Pereira Lima (UERR)

danielle.lima61@yahoo.com

Huarley Mateus do Vale Monteiro (UERR)

mdmvale72@gmail.com

RESUMO

Esta produção traz breves reflexões sobre o elemento trágico na obra *A Ilíada* e surge como resultado de instigantes debates na disciplina de literatura clássica, ministrada pelo professor Huarley Monteiro (2013). *A Ilíada* possui vinte e quatro (24) cantos, sendo uma obra que passou da forma oral para a escrita no século VI a.C. É interessante perceber que, mesmo sendo o escrito mais antigo do homem grego, *A Ilíada* aborda temáticas que transcenderam o tempo, romperam fronteiras, e parecem estar mais acentuadas na sociedade contemporânea como: a incompletude do ser humano, a crença na vida após a morte, a ideia de destino, o trágico e tantas outras problemáticas, que precisam ser colocadas em pauta, para que mais pessoas venham entender a relevância de ler, de compreender e, sobretudo, refletir as obras de Homero. Neste ensaio a problemática discutida é o elemento que deu vida ao gênero Tragédia, isto é, o trágico – a infelicidade, o desespero, o funesto. Pretende-se, assim, destacar a figura do herói trágico, Aquiles, e o assassinato de Heitor no campo de batalha, que configura uma das cenas mais trágicas da narrativa. A princípio, será esclarecida a diferença entre trágico e tragédia, palavras que muitas vezes são consideradas análogas, empregadas de maneira errônea. Em seguida serão apresentados os elementos estéticos da obra: narrador, enredo, protagonistas e deuses protetores. Por fim, serão apresentados fragmentos da obra que justificam o porquê que Aquiles é considerado o herói trágico e o transgressor da virtude grega. Atribui-se ao semideus a autoria da cena mais trágica da obra *A Ilíada*: a morte de Heitor. Nas considerações deste trabalho, você, querido leitor, entenderá ainda a relevância da referida epopeia, para entendimentos da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: *A Ilíada*. Trágico e tragédia. Aquiles. Heitor.

1. A noção de trágico e Tragédia

É fato que os vocábulo trágico e tragédia sempre foram alvo de grandes debates. Para Pinheiro (2011), a tragédia é “um gênero dramático, [enquanto] o trágico é um modo de compreender e lidar com os problemas da existência humana”. Em *A Ilíada*, a morte de Heitor foi desumana e sua família teve que lidar com tal situação trágica.

Segundo Mura (2005, p. 31-32, *apud* ASSMANN, 2006, p. 171), “o sentido do trágico nasce no momento em que o problema relativo à

responsabilidade suscita no homem um dilema interior, uma trágica reflexão sobre os seus processos comportamentais”. Isto pode ser observado na incompletude e dramas existenciais de Aquiles.

O gênero tragédia para Assmann (2006, p. 169) “sempre aparece discutido e vinculado com o drama, a angústia, a dor, o sofrimento, a piedade e a desgraça”. Ele, também afirma que esta se estrutura da seguinte maneira: prólogo; episódio; êxodo; párodo e estásimo; diferenciando-se da epopeia apenas por aspectos formais: extensão métrica e por ser uma forma dramática, mas tanto na epopeia como na tragédia tem-se a imitação de homens superiores, isto é, dos grandes heróis.

2. Elementos estéticos do poema *A Ilíada*

Tendo como possível rapsodo Homero e como narradora a musa Calíope, *A Ilíada* tem como problemática, segundo D’Onofrio (2004), a exaltação do herói guerreiro trágico, Aquiles; e em um segundo plano, a trágica morte do virtuoso Heitor. Para o referido autor, *A Ilíada* está situada no Período Arcaico (do século VIII ao V a. C.), tendo como foco a guerra de Troia e a mitologia grega.

Sabe-se que *A Ilíada* é um poema épico. Mas o que seria tal gênero? Para Soares (2001, p. 75, p. 2 *apud* ASSMNN, 2006) o poema épico é

Uma longa narrativa literária de caráter, grandioso e de interesse nacional e social [...] que apresenta, juntamente, com todos os elementos narrativos (o narrador, os personagens, tema, enredo, espaço e tempo), uma atmosfera maravilhosa que, em torno de acontecimentos históricos passados, reúne mitos, heróis e deuses, podendo-se apresentar em prosa ou em verso.

Note-se que *A Ilíada* segue essa mesma estrutura. E conforme D’Onofrio (2004), para não cair na inverossimilhança, Homero coloca como narrador uma divindade, pois só um deus, neste caso uma musa (Calíope) teria o poder de onipresença e onisciência. Assim, esta teria condições de narrar fatos épicos que aconteceram em diferentes lugares; descrever a estrutura do Olimpo, bem como sondar os sentimentos de homens e deuses. Lembrando que a musa Calíope era “invocada por todos os escritores de epopeias.” (*idem*, p. 40).

No início do poema fica claro a presença da narradora, quando Homero a invoca “canta, ó deusa”, tem-se alguém narrando um fato, utilizando o verbo no tempo presente. É o que D’Onofrio (2004, p. 40)

afirma enquanto plano da enunciação, isto é, “o aparelho formal que evidencia a presença do narrador no canto épico [...] o tempo da enunciação se renova continuamente, a cada leitura do poema, porque muda o destinatário a quem o narrador se dirige”. Na obra há, também, o plano do enunciado, que, segundo o aludido autor, seria a narração de acontecimentos passados, fatos históricos como a guerra de Troia, situada em um tempo específico.

No que tange aos principais personagens da obra, tem-se, de um lado, os troianos: Heitor, Páris, Príamo, Hécuba, Cassandra e Andrômaca; do outro, os aqueus: Aquiles, Menelau, Agamenon, Pátroco, Ulisses, Calcas, Ájax e Nestor; contudo, há de ser destacada a personagem Helena – rainha de Esparta, esposa do rei Menelau – que vem tornar-se amante de Páris, príncipe de Troia.

Para D’Onofrio (2004), o relacionamento adúltero entre Helena e Páris e o interesse político-econômico dos aqueus, em conquistar Troia, uma cidade estratégica para o comércio, já bem estruturada e fortificada para a época em que viviam, foram fatores que desencadearam a guerra de Troia.

Sabe-se que a guerra de Troia ocorreu em uma região do litoral da Ásia, no XII a. C., e perdurou por cerca de dez anos. Contudo, somente quatro séculos depois é que Homero compilou *A Ilíada* (VIII a. C.).

Lembrando que a obra destaca apenas o nono ano da batalha e está permeada de mitos. D’Onofrio (2004, p. 30) declara que:

Os gregos tiveram grande facilidade em inventar histórias fabulosas que, antes do progresso racional e científico, serviram para explicar as origens dos fenômenos naturais e do comportamento humano. [Desse modo], a mitologia grega é o conjunto destes mitos e fábulas.

No que se refere ao plano mitológico da narrativa, Vernant (2000) mostra que foi a partir do casamento da deusa Tétis e do rei Peleu, que o destino de Páris foi traçado, o que posteriormente configurou a parcialidade dos deuses na guerra de Troia. O referido autor afirma que quando Éris (a discórdia, o ciúme, o ódio) comparece ao casamento, mesmo sem ser convidada, e quebra o pomo (a maçã de ouro) onde se acha escrito: “a mais bela”, estão presentes: Juno, Atenas e Afrodite. E como Zeus não conseguiria julgar de modo imparcial, pois estava diante da esposa, da filha e do amor não correspondido, passou a responsabilidade para um humano, Páris. Assim, Hermes, exercendo sua função de intermediário entre o Olimpo e a terra, desce da morada dos deuses, com as três deusas,

incumbindo Páris de escolher a mais bela dentre elas. Ao nomear Afrodite a mais bela, os troianos ganham uma defensora; contudo, surgem duas rivais, Atenas e Juno, que viriam a apoiar os aqueus durante a guerra. Entretanto, a eleição da deusa Vênus garantiu a Páris a conquista da mulher mais bela da terra, Helena.

3. *O trágico na Ilíada*

Sabe-se que a problemática da obra, *A Ilíada*, transcorre sobre os dramas existenciais de Aquiles, herói trágico e transgressor dos princípios de virtude. Em segundo plano, está a ação trágica: a morte de Heitor.

Para Vernant (2000), Aquiles vivia com inúmeros conflitos internos: já que não era um deus, e, por isso, não era imortal, mas também não poderia viver um ciclo de um homem comum, isto é, chegar a envelhecer e colher os louros da juventude. Teria que optar entre morrer jovem e ser imortalizado nas epopeias como um grande guerreiro; ou desfrutar de uma vida longa, mas sem deixar rastro de brilho, isto é, morrer, precipitar-se no Hades como uma pessoa comum e ser esquecido pelas gerações futuras.

Diante de tal situação, Aquiles, movido pelas aflições que o acometiam, diz: “de curta vida, ó Tétis, me pariste.” (*A ilíada*, Canto I, p. 72).

O semideus vivia, também, o drama de não ser feliz em seus relacionamentos, angustiado em suas incompletudes humanas; já que, de um lado, Agamenon tomou sua amada Briseida, quando a paixão mais fervia; e do outro, Heitor tirou a vida, do seu amigo, amado Pátroco.

Aquiles, decepcionado com Agamenon, diz: “em meu despeito o soberano Atrida arrebatou-me o prêmio e dele goza. [...] Eu muito amava [Briseida], embora serva” (*A ilíada*, Canto IX, p. 196). Mas, o auge de sua melancolia ocorre após a morte de Pátroclo, ao avistar o cadáver do amigo/amado, Aquiles, em prantos e soluços, declara:

Pátroclo amigo,
Vivo deixei-te e morto aqui te encontro,
Sublime herói! De mal em mal tropeço!
[...] Choro-te, ó generoso, ó compassivo!
Os príncipes pedem para [Aquiles] se alimentar,
E ele responde
A dor não me permite alimentar-me. (Canto XIX).

Observe, assim, que Aquiles é o herói trágico que aparenta não saber o que seria estar bem. Vivía em uma contradição sofredora, em uma angústia desesperadora, aparenta que só lhe ocorriam males.

Irado com a morte de Pátroclo, Aquiles se torna o responsável pela ação mais trágica da obra *A Ilíada*: o assassinato de Heitor. No canto XXII, é narrado o momento em que Aquiles crava a espada em Heitor e, logo em seguida, vários aqueus o ferem e dizem: “ui como Heitor é brando e mais tratável.” Não satisfeito com tal crueldade, Aquiles ainda fura do calcanhar ao tornozelo do troiano, traspassando tal furo com fibras bovinas, amarrando-os em uma quadriga, arrasta-o velozmente por três vezes em redor do corpo de Pátroco. Ao ver a cena, o pai de Heitor rola na lama, fazendo súplicas a Aquiles; a mãe, desesperada com a morte do filho, rasga as vestes; a esposa, ao presenciar a agressiva cena, desmaia, enquanto as outras mulheres do palácio lamentam e pranteiam a morte do príncipe troiano.

Com tal atrocidade Aquiles transgride os princípios de virtude grega, pois segundo D’Onofrio (2004, p. 56), “a ética grega, acima de qualquer coisa, exigia o respeito ao ser humano, quer em vida, quer após a morte.” Neste sentido, o semideus não considerou que Heitor era um herói virtuoso, inteligente, respeitador dos princípios da família; e que, sobretudo, tinha uma postura cortesã, chegando ao ponto de tentar fazer um pacto com Aquiles quanto à restituição do corpo à família de quem perdesse o duelo, sendo despojadas apenas as armas, mas vã é a tentativa de Heitor.

Assmann (2006, p. 172) afirma que “ser trágico é assim não conseguir se definir, e ao mesmo tempo se perceber como sobre-humano e sub-humano. É a experiência de uma ‘consciência dilacerada.’” Veja que Aquiles possuía tais características: ora é dominado pelo ódio, ira e agressividade (ou seja, o seu lado sub-humano), como no combate com Heitor; ora pela delicadeza, mostrando-se sensível (sobre-humano), como após perder Briseida.

4. Considerações finais

Sabe-se que o elemento trágico da narrativa *A Ilíada* deu grande impulso ao gênero tragédia; a mitologia da obra pode ser verificada, também, nos escritos do patricio Camões, bem como nos textos do brasileiro Guimarães Rosa e em tantos outros e outras que dela fizeram uso. Nesse

sentido, Todorov (2009) nos conduz a reflexão de que a literatura não nasceria do nada, pois, para ele, “tudo” seria resultante de influências.

Observa-se que *A Ilíada* contribui para a compreensão de valores sociais, ao destacar a ética e a virtude; inspira, ainda, reflexões sobre a incompletude do ser humano e o trágico como fundamental para o entendimento da obra. E instrui, ao que parece, estratégias de guerra que foram importantes para o domínio de várias civilizações ao longo dos séculos.

Para Lopes (2013), as obras de Homero, *A Ilíada* e *A Odisseia*, moldaram a sociedade ocidental e “exerceram e exercem” forte influência em diversos autores e na literatura de todos os tempos. São elas, sobretudo, obras fundamentais para compreensão da historiografia da Idade Antiga, da filosofia, da psicologia e da antropologia.

Diante do que foi exposto, é válido observar que *A Ilíada* traz como elemento condutor da narrativa, eventos históricos que dão suporte para reflexões sobre a incompletude que tanto angustia o ser humano, sejam elas pessoais ou mesmo coletivas. Na obra, observamos o entrecruzamento de paixões, vidas separadas, amores não correspondidos (ou levados até as últimas consequências) e a morte (Ah, a morte! Fim trágico nas obras homéricas) chega quando menos se espera. Assim, o trágico resultaria da configuração de atos vingativos ou personificada na figura do herói trágico. Nessa linha de entendimento, a vida seria resultante do significado que a ela é dado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, Selvino José. *Filosofia*. Disponível em:

<<http://www.ufpi.br/uapi/conteudo/disciplinas/filosofia/arquivos/filosofia.pdf>>.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura ocidental: autores e obras fundamentais*. São José do Rio Preto: Ática, 2004.

HOMERO. *A Ilíada*. Trad.: Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro, 2005.

LOBATO, Vívian Silva. Revisitando a educação da Grécia Antiga. Belém: UNAMA, 2001. Disponível em:

<http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/educacao_grecia.pdf>. Acesso em: 22-10-2013.

LOPES, João José. *A Ilíada e A Odisseia: dois pilares da civilização gre-*

ga e legado para a posteridade. *Revista do Mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura*, UNINCOR, v. 4, n. 1, jan.-jun. 2013, p. 118-127. Disponível em:

<http://revistas.unincor.br/index.php/memento/article/view/732/pdf>

PINHEIRO, Victor Sales. O pathos trágico de Aquiles. *Archai*, n. 7, jul-dez 2011, p. 87-93.

SOUZA, Jovelina Maria Ramos de. A poesia grega como *paideia*. *Princípios*, Natal, v. 14, n. 21, jan./jun. 2007, p. 195-213. Disponível em: <<http://ufrn.emnuvens.com.br/principios/article/view/498/430>>. Acesso em: 24-10-2013.

TODOROV, Tzvtan. *A literatura em perigo*. Trad.: Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VERNANT, Jean Pierre. *O universo, os deuses, os homens*. Trad.: Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.